

O ENIGMA DO CHAMADO "SOCIALISMO REAL"¹

Victor Meyer

Tornou-se de uso corrente, inclusive em textos analíticos, a expressão "socialismo real". A simples repetição às vezes consagra o uso de certos nomes, mas neste caso não vemos mais do que duas possibilidades de interpretação do suposto conceito. Primeiro, como uma valoração ideológica e pejorativa, inspirada talvez na tradição anti-comunista, pela qual se quer identificar com o sistema em crise, ou mais especificamente com a crônica do stalinismo, tudo que diga respeito ao socialismo. Segunda possibilidade, interpretar o conceito como mera redundância. "O socialismo existente é real" ou: o socialismo real é aquele que tem existido. Neste caso, caberia notar que um giro de 360° em torno de si próprio não permite qualquer elucidação do problema.

Um certo sistema social nasceu em 1917 e, ao longo de 7 décadas, chegou a se alastrar por uma significativa parte do mundo. Seja qual for o desfecho da dramática crise que hoje o sacode, este sistema já terá ganho uma importância histórica suficientemente grande para merecer uma qualificação analítica. Historiadores franceses como Michel Beaud utilizaram o precedente conceito de "coletivismo de estado". Parece mais apropriado um conceito semelhante já usado anteriormente por August Thalheimer (líder da Oposição Comunista Alemã durante o stalinismo): o "socialismo de estado". O socialismo dito real foi e é de estado não apenas porque depende de forças extra-econômicas para se alastrar e para se manter, mas também porque apoia a planificação num mecanismo tutelar, que passa por cima da sociedade, que advém pura e simplesmente do estado, como uma antítese da planificação à base da auto-gestão.

A primeira pergunta a se fazer deve pôr em questão a natureza da crise atual desse sistema. A crise tem sido às vezes caracterizada como uma decorrência da falta de democracia, diagnóstico que, embora possa estar correto sob certo ponto de vista, tem a desvantagem elementar de originar alternativas diametralmente opostas, uma vez que não existe uma democracia em geral mas sim formas concretas, socialmente determinadas e opostas de democracia. Em sua versão corrente, esse diagnóstico tem também o defeito de simplificar demais os problemas. Afinal, o sistema que está em crise, na União Soviética é o mesmo que conheceu fases de expressivo crescimento, inclusive durante a plena vigência da ditadura stalinista, bem como durante o jugo do estado burocrático reformado (era Kruschév). Essas importantes nuances do problema ficam fora do campo de visão se nos limitamos à constatação generalizante de falta de democracia. Que ao final se chegue a conclusões semelhantes, mas não sem antes preenchê-las com uma maior riqueza de determinações. Começemos lembrando alguns dados .

Abel Aganbegyan, assessor de Gorbatchev e crítico do sistema burocrático,

¹ Texto elaborado em 1991 para um Seminário do CEPAS – Centro de Estudos Pesquisas e Assessoria Sindical (Salvador – BA).

que podemos portanto considerar isento da suspeita de adulterar estatísticas, dizia em um artigo de 1985 que, não obstante a desaceleração do crescimento da URSS durante os anos 70, o desenvolvimento soviético nos três decênios que se seguiram ao final da guerra se dera a uma velocidade duas ou três vezes maior que os principais países capitalistas. "Basta dizer que, a partir de 1950, a renda nacional decuplicou-se, aproximadamente". (Em: "*A estratégia da aceleração do desenvolvimento socio-econômico*") . Dados mais completos são apresentados por Tatiana Zaslavskaia, destacada socióloga soviética, com largo currículo de críticas implacáveis ao sistema burocrático. Zaslavskaia argumenta que a sobrevivência do stalinismo no imediato pós-guerra deveu-se não apenas à repressão generalizada mas também a um fator de consentimento da sociedade, frente ao rápido desenvolvimento da economia e à efetiva melhora das condições de vida da população soviética. Posteriormente, já sob as reformas de Nikita Krushev, "*foram obtidos ritmos de crescimento da produção industrial e da renda nacional mais elevadas do pós-guerra*". A mesma autora prossegue descrevendo o considerável progresso técnico-científico: "*Não foi por acaso que em 1957 lançou-se o primeiro satélite artificial da Terra e em 1961 foi realizado o primeiro vôo do homem ao cosmo*".

Esses dados nos colocam frente a um aspecto curioso da trajetória soviética: o período da desaceleração (anos 70) é antecedido por pelo menos duas décadas de auge expansivo. Cresceram rapidamente a renda nacional, a produção industrial, a produção agrícola, a urbanização da URSS, o nível de vida das massas trabalhadoras (inclusive dos camponeses, antes mantidos em regime de virtual servidão), os salários e os direitos sociais. Por outro lado, deve-se levar em conta também que a desaceleração posterior não foi brusca e sim progressiva. Ainda segundo Tatiana Zaslaviskaia, toda a história soviética do pós-guerra é marcada pelo desenvolvimento da base material da produção. "*Embora os ritmos do progresso técnico-científico em curso na nossa economia estejam atrasados em relação às necessidades do país e aos ritmos de processos análogos em países mais desenvolvidos, esse progresso não só se verifica como exerce influência substancial no desenvolvimento social do país*". (O texto citado é de 1988: *A Estratégia Social da Perestroika*). A estrutura da economia da URSS tornou-se complexa, desenvolveu-se intensamente a divisão do trabalho social.

Tendo esses dados em mente, façamos novas menções à discussão sobre as causas da crise. Interpretar a crise como mero resultado da inoperância da burocracia seria simplificar demais não apenas as causas mas a própria envergadura da crise. Simplista é, também, a atribuição da crise ao esgotamento do desenvolvimento extensivo da economia. Os dados disponíveis mostram um avanço tecnológico tanto na indústria como na agricultura, pelo menos até o final dos anos 60. Teodor Shanin, professor da Universidade de Manchester, num trabalho sobre a agricultura soviética, situa já nos anos de Krushev, com continuidade nos anos Brejnev, a combinação da agricultura extensiva com um sensível incremento dos investimentos em insumos. Ernest Mandel ("*Além da Perestroika*") mostra em tabelas que a produtividade do trabalho industrial cresce em taxas altas até meados dos anos 70. Parece simplismo interpretar a crise como esgotamento dos padrões extensivos. Um dos fatos que precisam ser

explicados é precisamente o porque da queda da produtividade da economia depois de um período longo no qual o seu avanço foi nítido.

Ernest Mandel chamava atenção para um importante aspecto da questão. Segundo ele, os três objetivos-chave perseguidos pela burocracia desde a morte de Stalin e que deveriam ser atingidos simultaneamente, eram os seguintes: 1) - aumento dos investimentos na industrialização e modernização do país; 2) - aumento das despesas militares, de modo a atingir e depois manter a paridade militar com o imperialismo; 3) - aumento, ainda que modesto, do nível de vida das massas. Prosseguindo nesta argumentação, Mandel afirma que a sustentação simultânea desses três objetivos requeria um crescimento real da renda nacional a uma taxa igual ou superior a 4-4,5% a cada ano. Quando a taxa de crescimento cai para 3% ou para níveis ainda menores, torna-se impossível prosseguir nos padrões acima referidos, e um ou mais de um entre os objetivos-chave teria ou teriam que ser sacrificados. Ora: embora os dados oficiais mostrem um crescimento da renda nacional desde 1970 e até 1985 à taxas levemente superiores a 4%, as estimativas da CIA mostram os seguintes números para o mesmo período: 3,7%, 3,0%, 1,5-2,5% (taxas para pequenos sub-períodos entre 1970 e 1985). Com base em qualquer das duas fontes, tem-se que desde meados dos anos 70 seria cada vez mais difícil sustentar os três pilares da estratégia pós-Stalin. Acontece que, precisamente na década de 70 e começo da seguinte, o imperialismo intensifica o armamentismo, obrigando a União Soviética a um esforço muitas vezes maior para segurar o empate militar. Essa sangria de recursos seria uma das causas para a queda dos investimentos em tecnologia e para a desaceleração no crescimento da renda.

Num Boletim lançado em janeiro deste ano, o CEPAS² analisou o bloqueio da acumulação socialista a partir deste ângulo. O fundo de acumulação socialista estaria sofrendo uma redução crescente, em consequência da necessidade de desvio de recursos para fins improdutivos (a auto-defesa), situação contudo incontornável no contexto da contradição entre os dois grandes sistemas sociais. O aprofundamento da discussão posterior, embora tenha trazido dados adicionais para comprovar a hipótese então lançada, tornou-a porém insuficiente. Digamos que, para entender a crise, é condição necessária porém não suficiente a localização desse desvio improdutivo de recursos. Tudo indica que o aumento da sangria com a auto-defesa veio tornar agudo um outro problema que vinha de antes envolvendo o coração do sistema, o cerne interior do socialismo de estado.

Antes de passarmos a este problema de fundo, ressaltamos que parece fora de dúvida que o aumento do desvio de fundos para os inevitáveis gastos em defesa reduziu o potencial de crescimento econômico da URSS. O objetivo de igualar poderes bélicos entre as economias desiguais, já que o PIB norte-americano é mais que o dobro do PIB soviético, seria duplamente danoso para a economia mais fraca (a economia da URSS). Os intelectuais da perestroika, cujos textos já foram publicados no Brasil, indiretamente reconhecem este fato quando propõem, entre as primeiras medidas para a recuperação econômica, cortes drásticos nos gastos militares. A proposta poderia não ser politicamente realista, mas esse já seria um outro problema (Vejam-se, a propósito, Leonid Abalkin e também Nicolai Petrakov, ambos

² Refere-se ao texto "O Bloqueio da acumulação socialista", CEPAS, jan/1991.

na coletânea organizada por Lenina Pomeranz).

No entanto, é fato que além da referida redução do fundo de acumulação, em decorrência da sangria para a auto-defesa, há um problema mais amplo a se considerar. Abel Aganbegyan, Tatiana Zaslavskaja e outros intelectuais da URSS oferecem informações preciosas que poderia servir de referência para uma aproximação ao fenômeno.

OS LIMITES DA PLANIFICAÇÃO NO SOCIALISMO DE ESTADO

A "pista" para a discussão do problema de fundo está na constatação, muito enfatizada nos relatos sobre a evolução da economia soviética nas últimas décadas, quanto ao crescimento da economia paralela vis-a-vis a economia planificada. Abel Aganbegyan (em "Movendo a Montanha") cita o exemplo de um distrito que planejou obras no valor de 60 milhões de rublos, mas efetivamente construiu bens no valor de 400 milhões de rublos. Nesse exemplo, o plano está sendo responsável apenas por um pequeno percentual da riqueza produzida. As proporções contidas nesse caso podem estar ilustrando uma situação limite, mas o crescimento da economia paralela é indicado como tendência em todas as estatísticas na bibliografia consultada.

Lenina Pomeranz, na introdução à sua coletânea sobre a Perestroika, afirma que em 1984, antes das reformas, havia entre 17 a 20 milhões de pessoas na União Soviética empregadas na "segunda" economia. Em 1990, somente as cooperativas legalizadas pela perestroika chegavam a abranger quase 5 milhões de trabalhadores, enquanto os arrendamentos urbanos abrangiam 7 milhões. Não aparecem dados quanto ao contingente empregado nos arrendamentos rurais e nas joint ventures, também legalizadas pela perestroika. Ora, todo esse pessoal está produzindo na faixa não alcançada pela planificação. O que muda com a perestroika são os parâmetros da legalidade e o nome das coisas: onde antes havia economia "subterrânea" agora há economia de mercado, assumidamente capitalista e consagrada pela lei.

Retrospectivamente podemos observar, ainda sem nos afastarmos dessa aproximação empírica com a realidade, que a economia subterrânea cresceu na razão inversa do encolhimento dos planos. Dando um passo rumo à teorização do fenômeno, se poderia dizer que a expansão da economia subterrânea antes da perestroika e da legalização das diversas formas de economia mercantil, já reforçava o caráter misto da sociedade soviética. Portanto não é de hoje essa convivência entre formas socialistas com formas capitalistas, pois já conviviam antes, ao longo de décadas, desde a coletivização forçada, embora na superfície das coisas se pudesse cair na suposição enganosa de uma aparente socialização de tudo.

Antes da perestroika, o caráter "misto" da economia estava encoberto, pois à economia planificada juntava-se exclusivamente aquele outro tipo de economia que a literatura corrente contentava-se em batizar de "paralela" ou "subterrânea". Termos que nada diziam quanto ao conteúdo das referidas práticas econômicas, servindo muito mais para cultivar uma zona de sombra, ao abrigo do conhecimento. Porém, do ponto de vista teórico, as parcelas da economia não submetidas a lei da planificação devem ser conceituadas como formas econômicas capitalistas (ver Preobrajenski, entre

outros teóricos), mesmo que subordinadas a um eixo coletivizado. Se a literatura soviética oficial preferia fazer a vista grossa para o conteúdo dessa chamada economia "paralela", era provavelmente porque estava presa à lenda do socialismo avançado, proclamado festivamente por Stalin e por Brejnev.

Obviamente, essas constatações vão suscitar uma pergunta crucial: por que a planificação progressivamente perde terreno? Por que a economia dita paralela, ou seja, capitalista, vai ganhando espaços proporcionalmente crescentes? A pergunta é duplamente pertinente por que afinal aqui se cria um paradoxo. Recordemos de que, conforme citações feitas mais acima, Aganbegyan, Zaslavskaja e outros, reconhecem o rápido crescimento da economia soviética desde a coletivização e sobretudo desde o final da guerra. Dados apresentados por Ernest Mandel permitem idêntica conclusão. Durante décadas, o setor socialista da economia da URSS cresce em ritmo superior não apenas ao do setor capitalista doméstico ("paralelo") mas a qualquer outra economia capitalista estrangeira, mesmo aquelas que festejavam os famosos milagres do pós-guerra.

Para tornar o quadro mais claro, acrescentemos os dados relativos ao crescimento do nível de instrução da população, o que novamente atesta o avanço generalizado das forças produtivas desde a consolidação da revolução russa (e pelo menos até a década de 60). Tatiana Zaslavskaja nos informa: "em 1939, para cada 1.000 integrantes da população economicamente ativa da URSS, havia apenas 110 com instrução média e 13 com instrução superior. Em 1987, esses números constituíam, respectivamente, 764 e 125. O número de trabalhadores com instrução abaixo da sétima série caiu nesse período de 877 para 3 a cada 1.000". A mesma autora situa em 20 milhões o número de tipos de produtos oriundos da atividade produtiva da URSS no final da década de 80. (Lenina Pomeranz apresenta números ainda maiores).

Temos, então, um paradoxo. Pois os dados mostram uma perda de fôlego expansivo do setor socialista exatamente após um longo período de forte expansão. A primeira conclusão, que o raciocínio lógico nos leva a colocar como hipótese, na tentativa de explicação do (aparente) paradoxo, é que a causa da desaceleração teria sido a própria expansão havida.

Em que sentido uma expansão socialista poderia criar entraves para ela própria? A resposta, ainda como hipótese, estaria no próprio caráter peculiar de socialismo existente, isto é, no socialismo de estado. O plano centralizado através de um mecanismo tutelar haveria de se transformar em algo de realização cada vez mais difícil, na medida em que a produção avançava e as demandas (produtivas e/ou de consumo individual) se tornavam mais dinâmicas. Ocorre que a expansão comandada pelos planos tutelares foi gerando uma sociedade complexa. Avança a produção, a divisão do trabalho, o dinamismo das demandas, diante do que os planos "de cima" vão se tornando, por hipótese, um anacronismo.

Não somente em depoimentos de ideólogos da perestroika, mas também numa obra anterior sobre o assunto, a "Economia do Socialismo Possível", de Alec Nove (professor da Universidade de Glasglow e especialista em história econômica da URSS), é discutido o problema da incapacidade dos planos para cobrir a crescente complexidade da sociedade soviética. As zonas não atingidas pelos planos se tornavam crescentes na medida em

que a sociedade avançava. Essas zonas não atingidas pela planificação, como discutido acima, eram preenchidas por formas capitalistas conseqüentemente crescentes. Assim sendo, o socialismo de estado teria gerado um tipo muito especial de ciclo, que foi ascendente enquanto as demandas sociais eram relativamente simples, mas se torna declinante quando as demandas se dinamizam. Adiantando conclusões, parece fazer parte da própria natureza do socialismo de estado sua vocação congênita para gerir economias mais simples.

Não nos esqueçamos de que o socialismo de estado, aparentemente uma contradição em termos, se impôs como alternativa para assegurar o socialismo numa sociedade não apenas materialmente atrasada, mas semi-destruída por sucessivas agressões, onde o proletariado revolucionário fora forçado pelas circunstâncias a se dispersar. Mesmo nos anos 20, antes portanto do stalinismo, a URSS já não podia contar com massas trabalhadoras conscientes de si e organizadas para o exercício do poder, o que nos leva a situar desde então a emergência do socialismo tutelar, de estado. A planificação, já assim desenvolvida no seu nascedouro, antes portanto do advento do stalinismo, não podia ser uma planificação baseada na auto-gestão, na democracia direta.

No entanto, esse mesmo socialismo de estado, produto do atraso material e do cerco político das potências imperialistas contra a URSS, provocaria o desenvolvimento posterior da sociedade soviética, e o faria em prazo recorde. A nova URSS, que ia nascendo em meio às condições as mais adversas (a invasão nazista, a guerra fria) passava gradativamente a ser uma sociedade complexa, onde a divisão do trabalho suplantava fortemente os padrões do período revolucionário, ou os padrões existentes ao advir o 1º plano quinquenal. Alec Nove ressalta um argumento muito procedente: os planos, na sua versão soviética, são além do mais conservadores, visto que se baseiam em estimativas passadas. Numa sociedade fracamente desenvolvida, cujas demandas apresentam fraco dinamismo, o conservadorismo das metas vai criar conflitos absorvíveis na esfera da produção, mas o mesmo não deve ocorrer numa sociedade cujas demandas avancem e mudem aceleradamente. O socialismo de estado garantiu a expansão da URSS no prolongado pós-guerra, oferecendo ao mundo um modesto ensaio das potencialidades de uma economia planificada. Mas foi suplantado pela complexidade produtiva que ele próprio engendrou. Um novo tipo de socialismo teria que surgir para suplantiar as barreiras encontradas, - o qual provisoriamente chamaremos de socialismo de auto-gestão.

Analisando a sociedade soviética dessa maneira, estamos seguindo um conhecido postulado do método de análise indicado por Marx: o presente é a chave do passado. As contradições sociais e a história econômica dos últimos anos da URSS lançam luzes bastantes elucidativas sobre o seu passado. Como se pode constatar pelas evidências postas às claras com as reformas recentes, a URSS era uma economia mista, de transição para o socialismo, onde as formas capitalistas (encobertas, subterrâneas) estavam subordinadas a um núcleo coletivizado e gerido por planos estatais. Os planos traçados "por cima", através de um sistema tutelar (o socialismo de estado) eram certamente um produto histórico do vazio inicialmente aberto com o colapso dos soviets revolucionários e preservados depois pelo sistema tutelar especial iniciado por volta de 1934 - o sistema stalinista.

Eficaz enquanto a economia era simples, enquanto a sociedade era simples, o socialismo de estado desenvolveu as forças produtivas, alterou a realidade social da URSS, e com isso preparou o seu próprio esgotamento histórico (o esgotamento do socialismo de estado). O crescimento da economia paralela, os sinais de exaustão dos planos estatais, a consequente desaceleração dos anos 70 e 80, eram sinais anunciadores de que uma importante mudança precisaria atingir o eixo central do sistema. O desvio improdutivo de recursos, crescente desde a guerra do Vietnã (para gastos com auto-defesa) precipitou, acelerou a crise do sistema.

A burocracia reagiu. Pela segunda vez deu provas de uma relativa capacidade de rejuvenescimento, e desencadeou as reformas a partir do alto. A perestroika reeditava o precedente da reforma de Krushev, brevemente ensaiada também por Andropov. Mas a reforma no interior do socialismo de estado não consegue alterar o seu caráter tutelar. A perestroika prolonga a vitalidade do sistema, enquanto somente a sua substituição por um "socialismo de auto-gestão" pode efetivamente salvar o socialismo. Mas o "socialismo de auto-gestão" exige massas trabalhadoras mobilizadas e conscientes de si, nas quais passariam a se embasar os planos.

O que se deve destacar aqui, no entanto, é a interpretação sobre as causas da crise, presente nas considerações feitas acima. A história da crise atual não é outra senão a história do progressivo comprometimento da planificação tutelar, à medida em que a sociedade gerada por esse mesmo socialismo tutelar ia se tornando mais e mais desenvolvida. Especialmente depois da 2ª Guerra, quando se encerra a última agressão imperialista aberta contra a URSS, o socialismo soviético avança rapidamente e desse modo vai rapidamente esgotar as possibilidades de uma planificação "por cima". Os sinais do esgotamento, ou seja, da crise do socialismo de estado, aparecem com a progressiva redução do raio de alcance do plano, que passa a perder terreno para a economia paralela, subterrânea, capitalista.

AINDA A PROPÓSITO DO STALINISMO E DA "RESTALINIZAÇÃO"

A ideologia vanguardista parecia erradicada do pensamento socialista brasileiro, desde o malogro das diversas modalidades de estratégias políticas desvinculadas das lutas de classe. Uma curiosa revanche dessas concepções aparentemente mortas aparece agora, mas desta vez para reescrever à sua maneira uma história passada, a história da União Soviética. Pois já é consensual, há muitos anos, que as vanguardas não conseguem fazer a história caminhar segundo suas meras convicções. Bem: mas a se considerar o que se dizem na maior parte das análises correntes sobre a trajetória da URSS, seria preciso ressaltar que a regra geral teria exceção. A exceção, bem entendido, estaria na própria história do socialismo soviético, em especial nas décadas 20 e 30. Lá, o rumo tomado pela história teria seguido as concepções de Lênin e depois de Stalin, o que teria levado a revolução a se perder. Pelo visto, o vanguardismo é ineficaz hoje mas teria sido eficaz algum dia.

É preferível reconhecer que, com essas análises, o vanguardismo lança seus olhos e conceitos sobreviventes para o passado, e reescreve a história.

Temos no entanto a alternativa de nos basear nos grandes historiadores da revolução russa, especialmente Isaac Deutscher e E. H. Carr, pelos quais chegaremos a conclusões diametralmente opostas. Em vez de seguir a concepção dos seus líderes, o curso da revolução desde 1917 e especialmente ao longo dos anos 20, se fez contrariando sistematicamente as referidas concepções, atropelando-as, fazendo-as reaparecerem modificadas, contrariando-as novamente, até que o Partido, exaurido em sua capacidade de preservar suas próprias tradições frente às novas realidades, fosse golpeado e transformado num morto-vivo, trocando a teoria pela ausência de qualquer teoria, e encobrendo o vazio por uma suposta ortodoxia do tipo para inglês ver.

Aliás, um dos equívocos mais elementares que se comete em algumas análises sobre o stalinismo é a sua conceituação como uma modalidade de dogmatismo. Como ver dogmatismo ali, se a política e a prática do stalinismo seguem o rumo dos ventos, opera guinadas, nega-se sucessivamente, de tal forma que precisa sempre falsear os fatos, encobri-los, disfarçá-los? No stalinismo não há dogmas reais. Há um simulacro de dogmas, ou seja, até os dogmas são falsos. Ele é antes de tudo pragmático. Um trabalho de um grupo de intelectuais na perestroika o reconhece:

Não seria lícito, no entanto, vincular diretamente à ideologia burocrática o dogmatismo e a conseqüente desfiguração do marxismo e do socialismo. Pois o dogmatismo inclina-se perante a "letra" da teoria, considera os textos escrituras sagradas, enquanto que o burocratismo utiliza qualquer texto (ou melhor, extratos deles) apenas para fins pragmáticos. (Gudkov, Levada, Leninson, Sedov. O artigo está na coletânea de L. Pomeranz).

Voltemos, porém, a um momento anterior ao stalinismo. Voltemos à década de 20. O partido liderado por Lênin pretendia limitar as nacionalizações das empresas a casos excepcionais, mas foi obrigado a admitir sua generalização como fato consumado. Pretendia manter a autonomia das minorias nacionais, mas foi obrigado a acatar a centralização sob o ultimato dos fatos. Pretendia defender o poder de fato dos soviéticos, mas teve que assistir ao seu esvaziamento, em decorrência da própria diáspora dos operários conscientes. Teve que admitir, subsequentemente, a centralização do poder no âmbito do partido e o avanço do partido sobre a alçada dos soviéticos já esvaziados. E.H. Carr descreve minuciosamente este processo na sua história da Rússia Soviética (volumes I e II). Lênin e seu partido inicialmente não imaginavam que seria possível sustentar o socialismo isolado numa sociedade atrasada como era a Rússia. Mas tiveram que engolir o fato consumado do refluxo da revolução na Europa. Restou em suas mãos uma sociedade isolada e, dentro do isolamento, voltada para a sobrevivência no sentido mais primitivo do termo. Roberto Linhart descreve, na Introdução ao seu "*Lênin, os Camponeses, Taylor*", aquilo a que ficou reduzida a problemática prática da vida soviética nos seus primeiros anos. O proletariado russo estava disperso e nas fábricas restavam, segundo o próprio Lênin, "*não a gente da classe trabalhadora, mas os vagabundos*". Claro, havia a alternativa da capitulação. Linhart coloca o dilema da seguinte forma:

"Para os que abstraem as terríveis condições da formação do primeiro Estado proletário, condições impostas pela barbárie

imperialista, e pretendem julgá-lo como uma encarnação da 'concepção marxista' (ou da 'concepção leninista'), imaginemos o seguinte diálogo: 'o que vocês queriam que ele fizesse?' Resposta: 'Que morresse.'" (Op.-cit, pg. 14).

Lênin e seu partido achavam que o socialismo numa sociedade como aquela somente seria possível se a revolução mundial atingisse os países capitalistas desenvolvidos, e se a aliança operário-camponesa fosse mantida. A revolução mundial refluíu, e os camponeses constantemente se voltaram contra o Estado de compromisso (a NEP), atacaram a própria revolução, conduziram ao impasse do final dos anos 20. O partido, cujas concepções se baseavam na defesa da aliança operário-camponesa, uniu-se em torno da alternativa emergencial, não desejada anteriormente, a alternativa da coletivização violenta. Completava-se, assim, a derrota das concepções frente aos fatos, ao contrário da versão hoje reescrita da história soviética.

Com a coletivização forçada, no contexto do esvaziamento dos soviets, completavam-se as condições históricas para a emergência do socialismo de estado. Convém, no entanto, não identificá-lo com o stalinismo, como se fossem a mesma coisa. Não são a mesma coisa. Para se entender o stalinismo, é mais apropriado se recorrer ao mesmo método que Marx usou para compreender o golpe de Luiz Bonaparte. Foram as condições criadas pelas lutas de classes (não as "concepções" do partido) que explicam como um personagem medíocre pôde alçar-se ao comando do Estado soviético. O stalinismo, a rigor, data de meados da década de 30, quando Stalin pôde valer-se de pretextos para golpear o partido e impor sua ditadura pessoal.

Assim como o bonapartismo representou uma modalidade específica, indireta, de estado burguês, o stalinismo representou uma modalidade específica, indireta, de estado operário. O stalinismo, antes de tudo, é um sistema, um sistema tutelar e desprovido de qualquer legalidade instituída, cuja ascensão só foi possível nas condições criadas na União Soviética dos primeiros anos 30, depois das diversas catástrofes da década de 20, depois da coletivização forçada, quando todas as classes da sociedade "jaziam sem forças". O proletariado revolucionário era apenas uma lembrança, O novo proletariado era formado por gente do campo, dilacerados pelo conflito individual entre o ressentimento pela coletivização e a ascensão social representada pela sua nova condição; era apenas uma "classe em si", politicamente inerte. Os camponeses, por outro lado, estavam lançados por terra desde fins de 1919, reduzidos a reações individuais. Stalin, fortalecido após o êxito da coletivização, frente aos primeiros sinais de recuperação da URSS, nos primeiros anos 30, golpearia a única força organizada remanescente, isto é, o partido, e sobre o vazio generalizado construiria os organismos fantasmas sobre os quais se apoiaria a sua ditadura.

Pretende-se agora esquecer tudo isso em nome da versão quase ingênua de que toda a história posterior à revolução de outubro teria seguido as concepções dos bolcheviques. Dizemos que a versão é quase ingênua, mas não integralmente ingênua, porque ela se apoia num recurso pouco defensável, o de omitir dados históricos para poder se tornar convincente. Curiosamente, foi Stalin quem pontificou neste tipo de postura. Chegou a mandar remontar uma foto famosa, porque a presença de certa figura não corroborava a sua versão da história. Agora, os que jogam a "culpa" pela trajetória da revolução nas concepções de Lênin precisam também omitir,

não se diria fotografias, mas com toda certeza um enorme manancial de fatos históricos.

Como fez Marx no 18 Brumário, como fizeram Gramsci e Thalheimer em suas análises sobre o fascismo, cabe considerar que as lutas de classes às vezes desembocam em situações de "equilíbrio catastrófico" (Gramsci), propiciando a ascensão de um herói carismático que imporá sobre o vazio a sua ditadura, embora sempre o faça em nome de alguma classe real. Luiz Bonaparte e Mussolini o fizeram em nome da burguesia. Stalin o fez em nome da classe operária. Stalin se impôs, naquelas condições históricas, apesar das concepções dos bolcheviques e contra elas.

Não queremos identificar, como dizíamos mais acima, o socialismo de estado com o stalinismo. O socialismo de estado é anterior ao stalinismo, pois ao longo dos anos 20 e com toda a força a partir da coletivização, o socialismo (mais preciso seria dizer: o movimento de transição para o socialismo) já havia se feito "estatal", ou seja, tutelar. Por outro lado, era também um sistema apoiado em expedientes extra-econômicos. É necessário, aqui, uma explicitação da terminologia e dos conceitos. A presença de medidas extra-econômicas não é uma exclusividade do stalinismo, nem mesmo do socialismo de estado. Antes é inerente ao período de transição entre o capitalismo e o socialismo, isto é, ao período no qual o proletariado, alçado politicamente à condição de classe dominante, dirige o processo de acumulação socialista primitiva. Essa conceituação está em Preobrajenski, com indiscutível embasamento nas obras marxistas clássicas. A identificação entre stalinismo e socialismo de estado, e ainda a sua identificação com o uso de medidas extra-econômicas (que preferimos considerar como uma identificação indevida) , é consequência de circunstâncias históricas; não obstante sua especificidade, o stalinismo absorve o uso sistemático de medidas extra-econômicas, embora o faça num contexto de absolutismo. Na mesma medida, o stalinismo absorve o socialismo de estado que o precede. A especificidade do stalinismo está, porém, no fato de ser um sistema político baseado numa ditadura pessoal, no colapso institucional de toda a superestrutura esboçada na fase revolucionária.

Convém por isso ressaltar que o socialismo de estado antecede ao stalinismo. Seria uma especulação, mas talvez uma especulação tolerável, considerar que, se não houvesse existido o stalinismo, o socialismo de estado nascido nos anos 20 poderia ter sido compreendido como uma solução de emergência, a ser progressivamente extinta na medida em que se recuperassem a consciência de classe e as organizações diretas do proletariado. Por outro lado, parece claro que o socialismo de estado sobreviveu ao stalinismo. O XX Congresso de PCUS representou uma primeira reação da burocracia contra o stalinismo, mas não foi uma reação contra o socialismo de estado. Para tanto precisaria ter ocorrido uma reação das próprias massas trabalhadoras, não apenas a institucionalização e reforma do sistema tutelar. A planificação continuou se processando "por cima" apesar da reforma de Krushev, do mesmo modo que assim continuaria durante a perestroika. Nos dois casos, restauraram-se alguns compromissos da NEP (o reconhecimento da necessidade da convivência entre socialismo e capitalismo durante a transição), mas não houve qualquer sinal de passagem ao "socialismo da auto-gestão", já que os trabalhadores permaneciam inconscientes do seu papel, alijados do

comando real da sociedade.

Entre as duas experiências de reformas, a de Krushev e a de Gorbachev, insere-se um longo intervalo de restauração de práticas do sistema stalinista, que Tatiana Zaslavskaja chamaria com muita propriedade de "restalinização". Claro que, como qualquer experiência de "volta ao passado", a era Brejnev copia apenas alguns aspectos do stalinismo. Entre elas, o desconhecimento da convivência entre a economia socialista e uma economia capitalista subordinada, inevitável durante a transição do capitalismo para o socialismo. Brejnev retomou o princípio da socialização aparente, embora saibamos que o capitalismo vicejava sob os seus tapetes.

Toda essa experiência encerra porém uma importante particularidade. Conquanto os tutores do socialismo de estado hajam admitido em diversas situações, desde a NEP e passando por Krushev e pela perestroika, a inevitabilidade da convivência entre socialismo e capitalismo durante o período de transição, observa-se que as forças capitalistas não se demonstram dispostas ao mesmo reconhecimento. Quando conseguem se fortalecer, partem para o ataque frontal à revolução e ao socialismo. Foi assim no final da NEP e está sendo assim atualmente, quando exigem com todas as letras o extermínio do socialismo. Parece que estamos diante de um círculo vicioso, que no entanto pode ser quebrado por duas vias: pela via da contrarrevolução, como sugerem os acontecimentos agora em curso; ou pela intervenção do proletariado na cena, de tal maneira que imponha a democracia das massas e obrigue os capitalistas a reconhecerem a revolução socialista como fato consumado e a aceitarem viver como força subordinada à economia socialista.

Uma última questão caberia ser levantada, a título de conclusão: afinal, o que entra em crise na atualidade? Apenas a burocracia? Caberia dizer que a crise está longe de ser apenas uma crise do stalinismo, que aliás perdeu seus últimos sinais de vitalidade no final da era Brejnev. A afirmação de que a crise é do sistema burocrático e decorre da falta de democracia, embora se aproxime da realidade, não deixa suficientemente claro o problema. Quem entra em crise nos dias atuais é mesmo o socialismo, tal como resultou das lutas revolucionárias travadas no seu nascedouro, na Rússia atrasada e isolada, e cujo melhor nome parece ser socialismo de estado. Tipo rudimentar de socialismo, liberou forças que não consegue mais controlar. A alternativa à crise do socialismo de estado seria o "socialismo da auto-gestão" e da democracia operária direta. Embora um socialismo assim tivesse ainda que pagar tributos por continuar isolado em meio à barbárie imperialista, tributos no sentido literal pois se obrigaria a manter gastos improdutivos com a autodefesa, além de ter que se conformar com o comércio exterior com os países capitalistas no lugar de uma divisão socialista do trabalho em âmbito mundial, um socialismo assim contudo é possível, pois suas premissas foram construídas nessas sete décadas da história aberta pela revolução de outubro. O desafio está colocado em tese, mas para chegar lá a classe operária soviética precisa antes recuperar sua consciência de classe e fazer um acerto de contas interno com a contrarrevolução que avança.

Bibliografia

Aganbenguian, Abel - *A Estratégia da aceleração do desenvolvimento sócio-econômico*. In Revista Problemas n º15, out/nov/dez. 1985.

_____ - *Movendo a montanha*. SP, Editora Best Seller, 1990.

Bahro, Rudolf - *A Alternativa para uma crítica do socialismo real*. RJ, Paz e Terra, 1980.

Bukharin - *O Problema do Programa* (discurso no 5º Congresso da I.C.). In Cuadernos Pasado y Presente nº55. Córdoba, 1975.

_____ - Série Grandes Cientistas Sociais, J. Gorender (org). SP, Ática, 1990.

Carr, E. H. - *História da Rússia Soviética*, 1º vol., Porto, Afrontamento, 1977.

_____ - *História da Rússia Soviética*, 2º vol., *A Ordem econômica*. Porto, Afrontamento, 1979.

_____ - *História da Rússia Soviética*, 3º vol., *A Rússia Soviética e o Mundo*. Porto, Afrontamento, 1984.

_____ - *Historia de la Rusia Sovietica*, 4º vol., *El Interregno*. Madri, Alianza Editorial, 1977.

Deutscher, Isaac - *Trotsky, O Profeta Armado*, RJ, Civilização Brasileira, 1984.

_____ - *Trotsky, O Profeta Desarmado*. RJ, Civilização Brasileira, 1984.

_____ - *Trotsky, O Profeta Banido*. RJ, Civilização Brasileira, 1968.

_____ - *A Revolução Inacabada*, RJ, Civilização Brasileira, 1968.

Gramsci, Antonio - *Maquiavel, a Política e o Estado Moderno*. RJ, Civilização Brasileira, 1968.

Takovlev, Alexander - *O que queremos fazer da União Soviética*. RJ, Civilização Brasileira, 1991.

Lênin, Vladimir I. - *O Estado e a Revolução*. RJ, Editorial Vitória, 1961.

_____ - *As Tarefas imediatas do Poder Soviético* - Obras Escolhidas em 2 tomos, tomo 2, Edições Avante, Lisboa, 1984.

Lênin, Bukharin, Trotsky et alli- *A Nova política econômica*, SP, Global, 1987.

Linhart, Robert - *Lênin, os Camponeses, Taylor*. RJ, Marco Zero, 1983.

Mandel, Ernest - *Alem da Perestroika*. SP, Busca Vida, 1989.

Marx, Karl - *Crítica do Programa de Gotha*. In Obras Escolhidas Marx/Engels. RJ, Editorial Vitória, 2ºvol. 1961.

_____ - *A guerra civil na França*. In Obras Escolhidas Marx/Engels. RJ, Editorial Vitória, 2ºvol. 1961.

_____ - *O Dezoito Brumário de Luiz Bonaparte e Cartas a Kugelmann*, da série Rumos da Cultura Moderna, vol. 19. SP, Paz e Terra, 1969.

Nove, Alec - *A Economia do socialismo possível*. SP, Ática, 1989.

Pomeranz, Lenina (org) - *Perestroika*. (Aganbeguian, Abalkin, Petrakov, Borozdin, Nikiforov, Zaslaviskaia, Karpink, Gudkov, Levada, Levinson, Sedov, Kon, Popov, Starovoitova). SP, Ed. USP, 1990.

Preobrajenski - *A Nova economia*. RJ, Paz e Terra, 1979.

Sachs, Erico - *Qual a herança da Revolução Russa e outros textos*. BH, Cegrac, 1988.

Shanin, Teodor - *A Agricultura Soviética e a Perestroika*. In Revista Lua Nova, nº23, Março de 1991.

Thalheimer, A. - *O Problema do Programa* – discurso no 5º Congresso da I.C. – In Cuadernos Pasado y Presente, nº 55, Córdoba, 1975.

Kruschev, Nikita - *As fitas da Glasnost: memória de Kruschev*. SP, Siciliano, 1991.

Zaslaviskaia, Tatiana - *A estratégia Social da Perestroika*. RJ, Espaço e Tempo, 1989.
